

PRODUÇÃO RECORDE DE ALGODÃO DESDE A INDEPENDÊNCIA NA CAMPANHA AGRÍCOLA DE 1979-1980

11/1/81

PEMBA, 7 (Correspondente) — Saltar de um abismo negro de 1800 toneladas de algodão-caroco para uma produção de mais de 13 mil toneladas do mesmo produto, e, sem dúvida, o registo de um recorde pouco vulgar. Mas foi esta última cifra o resultado da última Campanha Agrícola em Cabo Delgado, contra a magra colheita (1800 toneladas) do ano anterior. Qual é o segredo desta grande vitória?

Quando, nos fins do ano passado, abordámos este assunto com diferentes pessoas e entre elas um membro da direcção da Empresa dos Algodões de Cabo Delgado — 1.º de Maio, EE (ex-Sagal), a opinião geral foi de que houve uma grande mobilização nas aldeias. Este é o segredo, entre outros factores, sublinharam na altura.

Mas o que parece algo esquecido dos nossos interlocutores é a importância não da mobilização em geral — já houve tanta mobilização sem efeito — mas a força, o fruto desta mobilização, cuja semente foi lançada na mentalidade dos camponeses, que produzem 75% do total, para germinar um novo conceito sobre a cultura do algodão hoje. Este é o verdadeiro segredo da produção recorde de algodão em Cabo Delgado, desde a Independência.

De facto, se por exemplo os resultados de 69/70 atingiram mais 14 mil toneladas e na campanha de 72/73 esta cifra subiu para mais de 16 mil, é porque nesse tempo, debaixo dos chicotes dos capatazes e da palmatória do administrador colonial, a gente concluiu que quanto mais produzisse algodão, menos porrada chovia segundo um camponês de Chiúre, embora desconhecendo o destino do produto.

Por outro lado, se na Campanha Agrícola 75/76, Cabo Delgado desceu para 7 mil toneladas e em 78/79 colheram-se apenas 1800 toneladas, isso deveu-se a outros factores que determinaram uma outra espécie de conceito na camada rural: o algodão não é coisa útil, já que pouco ou nada era comercializado, apodrecia no campo e a sua cultura deixara de ser obrigatória, recorda-se outro camponês de de Montepuez.

A desmoralização então gerada foi detectada e analisada as suas causas pelas estruturas competentes, as quais, através de deslocação de brigadas às aldeias, discutiram não só as metas da Campanha 79/80, como principalmente a importância e necessidade de atingi-las. Não se colheram as 16 mil toneladas previstas, mas a diferença de três mil não rouba, neste caso, coragem a ninguém.

O PROCESSO DUMA ACÇÃO CONJUNTA

Logo no início da campanha, o enquadramento dos produtores e a necessidade do seu empenhamento na emulação socialista foram as principais preocupações da direcção provincial de Agricultura.

Paralelamente a esta acção, a Empresa dos Algodões, de Cabo Delgado (ex-Sagal), prendeu a sua atenção, imediatamente a seguir à sementeira, no posterior escoamento e comercialização do algodão que seria produzido, com

base na campanha anterior, salienta um dos responsáveis desta unidade algodoeira.

O problema discutiu-se ao nível da Província, o que permitiu uma planificação e programação adequadas, em termos de viaturas e recursos humanos.

E tudo isso precedido pelo escoamento do algodão da campanha anterior que ainda se encontrava no campo, condenado a apodrecer, e ainda a iniciativa dos trabalhadores da Empresa dos Algodões local para a recuperação das vias de acesso, constituíram mais um estímulo para a população.

COMERCIALIZAÇÃO E ESCOAMENTO

A comercialização estava estreitamente ligada ao escoamento do algodão, e, quando terminou a primeira, a frota aumentou e concentrámo-la toda na segunda actividade: escoamento. Na campanha anterior havia motoristas indisciplinados que inventavam avarias de viaturas e fugiam para sempre. Nesta última houve punições para evitar este mal. Concentrámos maior número de camiões de diferentes toneladas nas áreas de Chiúre e Namuno, zonas de maior produção, — relata um membro da direcção da Empresa dos Algodões de Cabo Delgado à nossa Reportagem.

Contudo, estes esforços dos trabalhadores da ex-Sagal e sacrifícios dos camponeses, agricultores privados, cooperativas e do próprio Governo Provincial, foram bruscamente afectados pelo desleixo dos CICs, no seu sector dos Transportadores Privados que abandonaram pouco a pouco a campanha.

Eles tinham os seus fretes preferidos. —

opina o mesmo responsável. Segundo ele, a frota privada prefere efectuar fretes de Pemba a Nacala e vice-versa, enfim percorrer estradas alcatroadas, devido às péssimas condições das vias de acesso e falta de peças e sobressalentes para compensar os desgastes e avarias das suas viaturas.

A pronta intervenção do Governo Provincial, para sanar o mais rapidamente possível esta grave situação foi peremptória nesta última fase.

Admiramos e louvamos os esforços e dedicação do membro do Governo Provincial que trabalhou connosco nesta fase crítica, o sr. Assane Nacir — reconhece o nosso interlocutor, acrescentando que com ele foi possível escoar todo o algodão, em menos de dois meses.

Só que, para terminar, pensamos ser útil recordar que esta vitória pode perder o seu peso se esforços não forem envidados com vista a transportar 5000 fardos de algodão em fibra exposto à chuva e outros 3000 no armazém da Empresa dos Algodões de Cabo Delgado, em Montepuez, para o seu respectivo destino.

Voltaremos ao assunto oportunamente.